

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O QUEER LISBOA: GAY GIRLS RIDING CLUB
19 e 21 de Setembro de 2022

ALWAYS ON SUNDAY / 1962

Um filme do colectivo Gay Girls Riding Club assinado por Connie B. DeMille

Realização: Connie B. DeMille / Guarda-Roupa: Lotta Head / Com: Michele Cavender, Gladys Cooper, Furie Cote, Melina Hoover, Patti Paris, Kouros Kendzy, etc.

Cópia em dcp, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 8 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

POTE TIN KIRYAKI / 1960
(Nunca ao Domingo)

Um filme de Jules Dassin

Realização e Argumento: Jules Dassin / Fotografia: Jacques Nateau / Direcção Artística: Alekos Tzonis / Guarda-Roupa: Deni Vachlioti / Música: Manos Hadjidakis / Som: Thanasis Georgiadis / Montagem: Roger Dwyre / Interpretação: Melina Mercouri (Ilya), Jules Dassin (Homer), Giorgos Foundas (Tonio), Titos Vandos (Giorgos), Mitos Ligitzos (Capitão), Despo Diamantidou (Despo), Dimios Starenis (Skoupidis), etc..

Cópia em 35mm, preto e branco, falada em grego e inglês com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 92 minutos / Estreia em Portugal: São Jorge, a 19 de Agosto de 1971

O colectivo Gay Girls Riding Club (GGRC) é uma emanação daquilo que é descrito como a fervilhante gay californiana, e especialmente angelina, no princípio dos anos 60, forçosamente “underground” mas não necessariamente por escolha própria, nesses tempos pré-Stonewall. Tão “underground” era que ainda hoje muitos dos seus integrantes permanecem anónimos, ou escondidos atrás de pseudónimos tão genialmente referenciais como Connie B. DeMille ou Lotta Head (trocadilho com o nome da célebre figurinista Edith Head que talvez não convenha explicar numa folha da Cinemateca). Always on Sunday, parodiando o célebre filme de Jules Dassin que veremos a seguir, foi o primeiro título que o colectivo realizou, antes de outras paródias a filmes ainda mais célebres. Eram filmes feitos para quem estava “in”, de algum modo, apresentados em festas promovidas pelo GGRC, depois com passagem por bares gay e uma outra intromissão nos cinema dados ao “exploitation” (que naquele princípio de década de 1960 vivia um ponto alto e, digamos, prenunciador). Muitos dos integrantes do colectivo (Hollywood é ali mesmo ao pé de L.A., não esquecer) trabalhavam na indústria “canónica” do cinema americano, e um dos mais famosos que se conhecem é James Crabe, que viria a ser um director de fotografia importante, colaborador regular de John G. Avildsen e responsável, entre outros filmes, pelas imagens de **Rocky**. Sobre esta paródica específica, mais do que

identificar os laços que o unem ao filme de Dassin (que não serão assim tantos, para além de uma ideia geral e da exuberância da presença de Melina Mercouri no filme aludido) apetece realçar a profunda alegria, festiva e subversiva, que o filme transpira. É um filme descomplexado e irresponsável, no melhor sentido de ambas as palavras, e o facto de o filme ser concebido como uma “private joke” para o circuito gay de Los Angeles não impede que o que tem de subversivo, politicamente, esteja bem à vista: a apropriação dos estereótipos, a sua intensificação, como uma reciclagem do ódio homofóbico capaz de o converter em energia que celebra a identidade sexual dos seus participantes e espectadores ao mesmo tempo que em que funciona como pequena arma de guerra contra a homofobia – de certa forma, a estratégia que nos seguintes (e ainda hoje) os movimentos e comunidades pela afirmação dos direitos “queer” (em sentido tão lato quanto possível e aceitável) continuaram a seguir.

Pote Tin Kiryaki foi um dos mais famosos filmes gregos de Jules Dassin. O realizador, que se exilou na Europa na sequência do “maccarthysmo” (como fez também Joseph Losey, porventura o exemplo mais famoso), começou por filmar, no princípio do exílio, em Inglaterra, onde fez talvez o seu melhor filme (**Night and the City**), antes de trabalhar em Espanha e Itália. Num festival de Cannes conheceu a actriz grega Melina Mercouri e, embora Dassin tenha tido que dissolver o casamento que tinha, nunca mais se separaram. Dassin foi viver para a Grécia, e aí fez vários filmes com Mercouri. Este foi um dos mais famosos, grande sucesso internacional, muito pela presença de Mercouri (super-“mediterrânea”, obviamente devedora das italianas como Anna Magnani ou Sophia Loren mas, curiosamente para uma grega, com menos “pathos”, menos tragédia) e da música de Manos Hadjidakis (antecipando o sucesso, poucos anos depois, de **Zorba the Greek** e da música de Mikis Theodorakis). A música de Hadjidakis é das coisas mais agradáveis do filme mas também é um sinal daquilo que nele hoje parece mais datado – o tratamento “exótico” da Grécia e da cultura grega, a mescla de referências (a personagem interpretada pelo próprio Dassin chama-se “Homero”, “Homero Trácia”), a construção do filme como um “theme park” dedicado à Grécia mas onde há menos reflexão sobre a cultura grega do que um desfile das suas saliências. Um desfile festivo, até cansativamente festivo (que também a forma de caracterizar a presença de Mercouri), que talvez tenha sido o “jackpot” de Dassin em termos de sucesso internacional mas que está a milhas do negrume, da dureza e do rigor dos seus melhores filmes (para além de **Night and the City**, **Brute Force**, ainda na América no final dos anos 40):

Luís Miguel Oliveira